



PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Maio Laranja - Combate ao Abuso e à Exploração Sexual Infantil

No Brasil, a violência sexual contra crianças e adolescentes é uma realidade que exige atenção constante da sociedade. Dados do Panorama da Violência Letal e Sexual contra Crianças e Adolescentes no Brasil 2021-2023, divulgado pelo Unicef e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), mostram que o número de estupros contra meninas subiu de 40 mil em 2021 para quase 55 mil em 2023, um aumento de 35,5%. Entre os meninos, o aumento foi semelhante, de cerca de 6 mil casos para mais de 8 mil no mesmo período.

A campanha

O Maio Laranja é uma campanha nacional que busca dar visibilidade e estimular o diálogo sobre a prevenção e o combate à violência sexual infantil. Instituído pela Lei nº 14.432 em 2022, o mês promove ações educativas e informativas. O dia 18 de maio, instituído pela Lei nº 9.970/2000, representa um marco dentro dessa campanha, em memória ao caso Araceli, que impulsionou políticas públicas voltadas à proteção da infância e adolescência no país.

O Caso Araceli

Araceli Cabrera Sánchez Crespo tinha oito anos quando foi raptada, drogada, estuprada, morta e carbonizada no Espírito Santo, em 1973. O crime ganhou repercussão nacional pela brutalidade e pela impunidade dos suspeitos, pessoas influentes da região. Embora os acusados tenham sido absolvidos por falta de provas, o caso permanece como símbolo da luta contra a violência sexual infantil e ressalta a necessidade constante de mobilização social e política sobre o tema.

Responsabilidade coletiva e acolhimento

O enfrentamento à exploração sexual infantil é uma responsabilidade coletiva. Heloísa da Silva Baggio, psicóloga da Coordenação Nacional da Pastoral da Criança, destaca que o primeiro passo diante de suspeitas de violência deve ser sempre o acolhimento, criando um ambiente seguro para que a criança ou adolescente se sinta confortável e protegido para relatar o abuso. É fundamental incentivar o diálogo aberto e prestar atenção em comportamentos que possam indicar situações preocupantes. Leia ou ouça mais sobre os sinais de violência a seguir, na entrevista completa.

Maria Inês Monteiro de Freitas, Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança, reforça a relevância da atuação conjunta na prevenção e conscientização sobre o tema. Segundo ela, "não podemos admitir que crianças sofram pela vida toda as consequências do mal sobre elas. A Pastoral da Criança soma esforços com várias entidades para ajudar a conscientizar a população sobre esse importante tema."

Denuncie!

Denunciar é essencial e pode salvar vidas. Ao presenciar ou suspeitar de violência sexual contra crianças e adolescentes, procure imediatamente os canais apropriados:

- Polícia Militar (190): para situações imediatas;
- SAMU (192): emergências médicas;
- Disque 100: denúncias anônimas sobre violações de direitos humanos;
- Conselho Tutelar: presente em todas as cidades, atende denúncias diretamente;
- Delegacias especializadas: delegacias da mulher ou da criança e adolescente;
- Profissionais de saúde: obrigados a realizar notificação compulsória;
- WhatsApp do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos: (61) 99656-5008;
- Ministério Público.

Proteger crianças e adolescentes é nossa obrigação. Faça sua parte.

ENTREVISTA COM: Heloísa da Silva Baggio, Psicóloga da Coordenação Nacional da Pastoral da Criança.

Heloísa, poderia explicar brevemente o que se caracteriza por exploração e abuso infantil?

HELOÍSA: A exploração sexual está diretamente relacionada ao uso de crianças e adolescentes para fins sexuais. A intenção é obter lucro, seja submetendo essa criança à prostituição, compartilhando imagens, vídeos, alguns conteúdos sexuais também, dentre outras práticas, justamente visando o ganho financeiro. Já o abuso infantil se caracteriza por qualquer intenção sexual com a criança ou adolescente. Então pode ser um abraço forçado, toques nas regiões íntimas, falas sexualizadas, o assédio e o abuso sexual e as suas diversas formas.

Quais são os sinais que podemos identificar que uma criança está sofrendo abuso?

HELOÍSA: A gente pode observar mudança de comportamento repentino; alterações no sono; medo de ficar perto de figuras masculinas; queda no

rendimento escolar; uso de palavras, gestos, desenhos com conteúdos sexuais; excesso de toques em regiões íntimas; comportamentos agressivos que essa criança ou esse adolescente não apresentava antes; sinais físicos como hematomas ou vermelhidão nas partes íntimas; sangramentos também nessa região; dentre outros sinais que acabam servindo como um alerta e devem ser investigados.

Sabemos que a maioria dos crimes sexuais contra as crianças e adolescentes ocorrem em casa, de modo geral por familiares e amigos próximos. Diante dessa realidade, como podemos protegê-las desse cenário aterrorizante?

HELOÍSA: Infelizmente essa é a realidade quando a gente fala do abuso infantil. Aqui no Brasil, em mais de 68% dos casos contra as crianças e adolescentes, os abusadores são familiares ou pessoas próximas. O local que deveria ser um lar, que deveria ser um ambiente acolhedor, trazer conforto, acaba se tornando um cenário de horror. Diante desse cenário é importantíssima uma conversa sincera com as crianças e adolescentes, ensinando que o corpo delas não pode ser tocado sem o consentimento delas, que elas não são obrigadas a sentar no colo do tio, sentar no colo do Papai Noel, que elas têm o direito e o poder de dizer não.

Então, ensinar limites envolve também o próprio corpo e aceitar ou não certos comportamentos vindos de outras pessoas. E, além disso, sempre ter o cuidado com quem entra na sua casa, evitar deixar essa criança sozinha nos mesmos ambientes que um estranho, e sempre manter um ambiente acolhedor, um ambiente de escuta e diálogo constante, porque assim possibilita que essa criança, ou adolescente, ele se sinta seguro para compartilhar qualquer desconforto que possa sentir.

Existem muitos casos de violência sexual em que a criança ou o adolescente denuncia a violência para a família, mas acaba sendo descredibilizado, acreditam ser uma mera fantasia e acabam perpetuando essa violência. Heloísa, como alertar a família sobre os perigos e como agir diante desse cenário?

HELOÍSA: Se houver qualquer sinal ou suspeita de que a criança ou adolescente esteja sendo vítima de violência, o acolhimento deve ser a primeira atitude. Jamais descredibilizar, deixar pra lá e não investigar, ou ter qualquer outra abordagem que não seja o olhar atento a essa situação. Quando ela vem até você e conta que está sendo abusada ou que o tio passou a mão ou falou algo estranho, acredite, vá atrás, acolha, mostre que ali ela está segura e que pode contar com você.

Esse tipo de violência tende a acontecer por familiares e pessoas próximas, então

esteja sempre atento, preste atenção no comportamento da criança, como que ela está se comportando perto das outras pessoas, e também possibilite uma relação de confiança entre vocês. Então, se ela chegou até você é porque ela confia e você tem a responsabilidade de averiguar, inclusive abordando o abusador. Então, feita todas as abordagens e, se necessário, denuncie. Não se cale.

Heloísa, quais são os impactos que o abuso causa na criança e ao longo de toda a sua vida?

HELOÍSA: A violência e o abuso deixam marcas que, muitas vezes, não são visíveis aos olhos, mas que acompanham a criança ao longo de toda a sua vida. Esses traumas podem impactar a autoestima e a autoimagem, afetando a forma como a criança se enxerga. Podem surgir sentimentos de culpa pela agressão sofrida, sensação de impotência diante do abusador e do abuso, além de distúrbios do sono, distúrbios alimentares, automutilação, ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático — quando a vítima revive o trauma, as sensações e as emoções do ocorrido. Esses impactos podem ainda desencadear o surgimento de psicopatologias graves, entre outros inúmeros prejuízos à saúde mental e emocional.

Heloísa, qual é a importância de ter uma data destinada ao Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes e como a sociedade pode contribuir com a Campanha Maio Laranja e ao combate contra exploração e abuso infantil ao longo de todo o ano?

HELOÍSA: Eu acredito que ter uma data destinada a uma temática que é tão silenciada e, por vezes, evitada, é realmente muito importante. Principalmente porque mostra a relevância de se discutir sobre o abuso e a exploração sexual, e também evidencia que essa realidade existe. O número está aí, ele não mente: mostra que precisa existir uma sensibilização e uma mobilização social a respeito do tema. A mobilização, no entanto, não deve acontecer apenas em maio, e sim o ano todo, pressionando para que existam políticas públicas mais efetivas, incentivando a educação sexual já em casa e a informação para as nossas crianças e adolescentes, trazendo esse tema para o debate e, principalmente, não se calando, denunciando esse crime.

Heloísa, onde e como é possível denunciar o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes?

HELOÍSA: É importante mencionar que, quando a pessoa presencia ou tem conhecimento — ou até mesmo uma suspeita — de violência contra crianças e adolescentes, ela tem a obrigação e o dever de averiguar e denunciar. Isso pode ser feito por meio do Conselho Tutelar, da delegacia ou pelo Disque 190. Também existe o Disque 100, dos direitos humanos, e, em casos de crimes de exploração

sexual, o Disque 191, da Polícia Rodoviária Federal. Não importa o meio: a denúncia deve acontecer. A criança, muitas vezes, não tem voz para pedir socorro e denunciar. Mas nós temos e não devemos jamais nos calar diante dessa situação. A denúncia precisa, sim, acontecer.

**Maria Inês Monteiro de Freitas,
Coordenadora Nacional da Pastoral
da Criança.**

**(MENSAGEM) Maria Inês, como a
Pastoral da Criança ajuda na
prevenção e no combate ao abuso
infantil?**

MARIA INÊS: Neste mês, somos chamados a refletir e a falar sobre essa triste realidade: o abuso de crianças. Infelizmente, ainda vemos constantemente nas notícias que casos de abuso infantil continuam acontecendo em todo país. A maioria fica encoberto: no silêncio, na vergonha e mesmo através de violências e de ameaças. O que fazer diante disso? Além de denunciar, é preciso falar sobre isso, dar visibilidade ao tema, orientar famílias e comunidades sobre os sinais de alerta, cobrar ações das autoridades públicas. Não podemos admitir que crianças sofram pela vida toda as consequências do mal sobre elas. A Pastoral da Criança soma esforços com várias entidades para ajudar a conscientizar a população sobre esse importante tema. Ela também é uma voz que se faz presente nas comunidades alertando, cuidando e ajudando a proteger nossas crianças de qualquer tipo de abuso. Criança precisa de amor, afeto, atenção e cuidado. E principalmente de proteção. Um abraço a todos.



**(TESTEMUNHO) Fabrício de Oliveira
Medeiros, Líder comunitário da
Pastoral da Criança, na Paróquia
Imaculada Conceição, cidade de
Tombos, Diocese de Caratinga,
estado de Minas Gerais.**

**Fabrício, como os líderes da Pastoral
da Criança podem colaborar no
combate e na prevenção da violência
e do abuso de crianças?**

FABRÍCIO: Os líderes da Pastoral da Criança procuram colaborar na organização de rodas de



conversas sobre esse tema na comunidade. Convidam a comunidade para participar, já que o assunto é muito importante. E nessas rodas de conversas, convidam advogados, representantes do Conselho do Tutelar e da Vara da Infância para falarem sobre esse tema. Também, em muitas comunidades, os líderes ajudam a divulgar a campanha Maio Laranja, que acontece todos os anos, no dia 18 de maio, que é uma campanha que visa conscientizar a população sobre o abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Outro ponto importante é por meio das visitas domiciliares, trabalhando a importância de um ambiente familiar harmonioso e em paz.

(MENSAGEM) Dom Frei Severino Clasen, Arcebispo de Maringá, Paraná, e Presidente da Pastoral da Criança.

DOM FREI SEVERINO:

Proteger e cuidar das crianças era uma prioridade para Jesus Cristo. Que essa seja também a nossa prioridade, cuidar das crianças, educar os adultos para que nenhum tipo de violência recaia sobre as nossas crianças. A responsabilidade é de todos em proteger a criança e o adolescente das situações de abuso. Que o nosso trabalho, na Pastoral da Criança, seja redobrado para proteger, denunciar aqueles ambientes onde as crianças ou adolescentes estão sendo proibidos de falar, e assim vão carregando traumas em suas vidas. Que Deus abençoe os líderes para que sejam iluminados e abençoados para proteger as nossas crianças, peçamos a Deus todo-poderoso, Pai e Filho e Espírito Santo. Amém.

